

**Grupo de Trabalho de Sociolinguística,
35 anos depois: reflexões e cenários**

*Sociolinguistics Working Group,
35 years later: reflections and scenarios*

Marcia dos Santos Machado Vieira
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Luiz Wiedemer
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil

35 anos de (inter)ação

Em comemoração dos 35 anos do Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), a Coordenação do GT de Sociolinguística (gestão 2018-2021), Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ) e Marcos Luiz Wiedemer (UERJ/Faperj), vem apresentar à comunidade acadêmica e ao público em geral o número especial da *Revista da Anpoll* dedicado ao nosso GT, o dossiê “*GT de Sociolinguística da ANPOLL, 35 anos depois: reflexões e cenários*”.

De acordo com Savedra (2010, p. 225):

Durante o I Encontro Nacional da ANPOLL realizado de 11 a 13 de dezembro de 1985 em Curitiba, são criados os 21 primeiros GTs da Associação. Dentre eles já figura o GT de Sociolinguística, na época GT de Sociolinguística e Bilinguismo. São escolhidos como coordenadores pela comunidade acadêmica, Jürgen Heye (PUC-RJ) e Sebastião Votre (UFRJ) para a Sociolinguística e Paulino Vandresen (UFSC) para o Bilinguismo, que, seguindo os estatutos definidos pela então criada ANPOLL, iniciam um levantamento de pesquisadores, projetos e produção acadêmica da área.

Desde o início, o GT de Sociolinguística tem estado envolvido nas discussões linguísticas que se travam nos programas de pós-graduação em território nacional e, por meio de intercâmbios e interlocuções em diferentes fóruns, até em território estrangeiro, ou seja, são 35 anos de existência e de atuação preponderante da Sociolinguística Brasileira. Ao traçarmos aqui a história do GT, estamos também caracterizando o



desenvolvimento das pesquisas e da área em território nacional, o qual está representado nos diferentes trabalhos dos membros e dos (ex-)coordenadores e, aqui, é lembrado, na medida do possível, por estes.

Este número especial soma-se a outros textos na seara histórica traçada pelo GT. Em Brandão (1995), em comemoração dos 10 anos da ANPOLL e do GT de Sociolinguística, encontramos um levantamento histórico do GT e das principais pesquisas desenvolvidas pelos membros. Já em Vandresen (2003), o autor oferece a descrição das atividades desenvolvidas pelo GT entre o período de 1985 a 2001 e dá destaque, também, às pesquisas realizadas pelos membros do GT, bem como procura refletir sobre o crescimento e a expansão da área em território nacional. Por fim, encontramos, na obra organizada por Ramos (2006), o registro de um conjunto de palestras apresentadas durante a reunião preparatória para o XX ENANPOLL (Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Mota e Aguilera, neste número, ao retratarem a história do GT, são claras ao indicarem estas três fases do GT, sendo: os dez primeiros anos, as fases de expansão e consolidação das pesquisas e do grupo e, mais atualmente, a consolidação dos eixos de trabalhos. Sinalizam, também, que há hiatos de narrativa desse percurso histórico. E justamente por perceber hiatos ao tentar resgatar o máximo de informações e registros da atuação do GT, a atual coordenação do GT de Sociolinguística mobilizou-se para reunir, neste número, vozes e escritos que estiveram e ainda estão na gestão de frentes de trabalho coletivo – trabalho em quantidade e qualidade significativos e louváveis –, conforme o quadro 01 a seguir relaciona:

Quadro 01 – Coordenações do GT de Sociolinguística

1985-1987 – Sebastião Josué Votre (UFRJ) e Jürgen Heye (PUC-RJ); Paulino Vandresen (UFSC)
1987-1988 – Sebastião Josué Votre (UFRJ)
1988-1990 – Giselle Machline de Oliveira e Silva (UFRJ)
1990-1992 – Stella Maris Bortoni-Ricardo (UnB)
1992-1994 – Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA)
1994-1996 – Sílvia Figueiredo Brandão (UFRJ) e Maria Thereza Indiani de Oliveira (UFRJ)
1996-1998 – Odete Pereira da Silva Menon (UFPR) e Paulino Vandresen (UFSC)
1998-2000 – Dermeval da Hora (UFPB) e Maria Eugênia Lammoglia Duarte (UFRJ)
2000-2002 – Cláudia Nívea Roncarati de Souza (UFF) e Maria Jussara Abraçado de Almeida (UFF)
2002-2004 – Dermeval da Hora (UFPB)
2004-2006 – Jânia Martins Ramos (UFMG) e Dermeval da Hora (UFPB)
2006-2008 – Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF) e Jürgen Heye (PUC-RJ)
2008-2010 – Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF) e Vanda Maria Cardozo de Menezes (UFF)
2010-2012 – Marco Antonio Martins (UFRN) e Maria Alice Tavares (UFRN)
2012-2014 – Marco Antonio Martins (UFRN) e Maria Alice Tavares (UFRN)

2014-2016 – Claudia Regina Brescancini (PUC/RS) e Valéria Neto de Oliveira Monaretto (UFRGS)
2016-2018 – Claudia Regina Brescancini (PUC/RS) e Valéria Neto de Oliveira Monaretto (UFRGS)
2018-2021 – Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ) e Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)¹

Fonte: elaborado pelos autores

Não obstante, muitos mais têm colaborado para o que hoje conhecemos como GT de Sociolinguística, consoante os leitores poderão perceber pelas referências feitas nos textos aqui reunidos. Atualmente, o GT – através de quatro eixos de trabalho (variação e mudança linguísticas; contato, variação e identidade; sociolinguística e ensino; questões teóricas e metodológicas), como pode ser visto no quadro a seguir – tem desempenhado papel central na contribuição à ciência, à docência e à extensão em estudos linguísticos.

Quadro 02 – Eixos de trabalho do GT de Sociolinguística no triênio 2018-2021

Coordenação:	1. Variação e mudança linguísticas
Silvia Figueiredo Brandão (UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas)	Ementa: Focalizam-se fenômenos em (i) fonética, fonologia e prosódia, (ii) morfossintaxe, (iii) léxico, (iv) semântica, discurso e pragmática, com base em perspectivas geolinguísticas, sociolinguísticas ou perspectivas com perfil sociofuncionalista ou socioformalista. Discutem-se problemas e processos de variação e mudança (em tempo real ou aparente). Analisam-se encaminhamentos teórico-metodológicos quanto ao tratamento (quantitativo e qualitativo) de usos ou de avaliação social. Estudam-se comunidades de fala, de rede social e de prática. Esperam-se contribuições sobre variedades do Português, mudanças captadas sincrônica ou diacronicamente, situações de contato, questões de identidade e de atitudes, questões estilísticas, funcionais e formais.
Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas)	
Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC/Programa de Pós-Graduação em Linguística)	
Jacyra Andrade Mota (UFBA/Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura)	
Coordenação:	2. Contato, variação e identidade
Mônica Maria Guimarães SAVEDRA (UFF/Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem)	Ementa: As relações entre variação linguística, contato linguístico, cultura e identidade ganham interesse especial neste eixo. A partir de abordagens e métodos abarcados pela disciplina Sociolinguística, em especial pela Sociolinguística de contato, interessam estudos de variação e de contato linguístico que tratem de dimensões socioculturais como gênero, fase etária, etnia, classe, entre outros. Os enfoques a serem tratados englobam a temática dos contatos entre o Português Brasileiro e as línguas de imigração, línguas africanas, variedades que surgem do contato de fronteiras linguísticas e geográficas, inclusive aqueles que discutem a temática no âmbito da educação bilíngue e plurilíngue em contextos multilíngues. Interessam a este eixo, também, discussões teóricas sobre avaliação, orientação e atitudes linguísticas, bem como estudos produzidos em ambientes escolares que tratem das temáticas e dimensões anotadas acima. Por fim, interessam descrições de bancos de dados
Karen Pupp Spinassé (UFRGS/Programa de Pós-Graduação em Letras)	

¹ Em função da pandemia, o período da atual gestão foi prorrogado.

	sociolinguísticos que estejam preparados para tratar de identidades etnolinguísticas e culturais.
Coordenação: Silvia Rodrigues Vieira (UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas) Joyce Elaine de Almeida Baronas (UEL/Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem)	3. Sociolinguística e ensino Ementa: O eixo prioriza três frentes de trabalho para articular os resultados científicos ao ensino de Português: (i) sistematização das regras variáveis em função de contínuos de variação, com vista a tratar da norma de referência (norma-padrão) escolar; (ii) investigação das crenças/attitudes quanto às variantes linguísticas no contexto escolar; e (iii) desenvolvimento de metodologias para o trabalho didático com normas e variação.
Coordenação: Marco Antonio Martins (UFSC/Programa de Pós-Graduação em Linguística) Rosane de Andrade Berlinck (Unesp-Araraquara/Programa de Pós-Graduação em Linguística) Maria Jussara Abraçado de Almeida (UFF/Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) (Esses três docentes atuaram até a reunião de novembro de 2019, EIGTS2019, no Rio de Janeiro) Claudia Brescancini (PUC-RS/Pós-Graduação em Letras) Desde novembro de 2019 até então.	4. Questões teóricas e metodológicas Ementa: Vinculam-se a este eixo, sobre teoria (ou teorias) e métodos para o estudo da variação e mudança linguística, propostas de trabalho que: (i) lidem com a relação entre concepções basilares desse estudo e orientações teórico-metodológicas; (ii) apreciem, criticamente, problemas e encaminhamentos teóricos em foco em diferentes linhas de investigação de variação e mudança, bem como articulações teóricas consolidadas (limites e ganhos) ou potenciais (novas possibilidades); (iii) pesquem e discutam questões, pressupostos e instrumentais metodológicos; (iv) teçam juízos técnicos sobre tratamentos qualitativos e/ou quantitativos manifestos em descrições de variação e mudança ou ainda necessários/a explorar; e (v) promovam componentes teóricos e/ou metodológicos (quase) inexplorados.

Fonte: Relatório de Atividades do GT de Sociolinguística²

Neste número especial da *Revista da Anpoll*, reunimos ensaio de um dos docentes fundadores, sete artigos de vários (ex-)coordenadores do GT, de modo a historiar e contextualizar o estado da arte e das redes de ação e proposição em Sociolinguística e Geolinguística/Dialetologia no que diz respeito à relação entre Língua e Sociedade³. E também contamos com cinco textos (três artigos, um ensaio e uma entrevista) de convidados internacionais, pesquisadores reconhecidos por importante atuação na área. Esses textos somam-se a discussões já em curso no GT ou acentuam perspectivas de pesquisa(-ação) a germinar, de áreas ainda à margem da sociolinguística brasileira.

Pesquisadores de muitas instituições brasileiras têm contribuído, nesses 35 anos, em diferentes territorialidades da relação Língua e Sociedade. Nosso objetivo, neste número, é tornar visíveis à comunidade acadêmica as frentes de trabalho, preocupação e

² Disponível em: <https://anpoll.org.br/gt/sociolinguistica/>

³ Nem todos os (ex-)coordenadores convidados puderam contribuir para este número.

discussão relacionadas aos quatro eixos em que o GT de Sociolinguística vem atuando já há algum tempo, bem como resgatar as bases e preocupações anteriores que nos levaram a esses eixos. Para tanto, oferecemos um panorama que representa as distintas e heterogêneas pesquisas realizadas pelos diferentes membros do GT.

Somamos dois outros objetivos a esse que é central, ao configurar os cenários de nossa territorialidade: (i) reunir uma amostra da fértil interação que temos procurado construir, nacional e internacionalmente, em diversos fóruns de interlocução, bem como (ii) destacar e prospectar potencialidades de nossa contribuição científica no que tange a práticas teórico-metodológicas e de nossa inserção social no que diz respeito a espaços de educação, de políticas linguísticas, de tecnologia de informação e comunicação e de interação com diferentes comunidades no Brasil. Para tanto, contamos, neste dossiê, com artigos de pesquisadores de instituições estrangeiras os quais, em alguma medida, têm tido impacto no cenário sociolinguístico brasileiro e com uma breve alusão, ao final desta apresentação, ao ecossistema de saberes, de identificações multidisciplinares e transdisciplinares e de fazeres que têm envolvido e até ressignificado o nosso grupo de trabalho. Assim, além de darmos destaque aos estudos desenvolvidos pelos membros do GT, contamos com discussões feitas pelos seguintes convidados internacionais: Rajend Mesthrie e William L. Leap, autores reconhecidos pela obra *“Introducing Sociolinguistics”* (MESTHRIE; SWANN; DEUMERT; LEAP, 2010); Walt Wolfram, distinto professor da North Carolina State University, autor da recente obra *“African American Language: Language Development from Infancy to Adulthood”* (KOHN; WOLFRAM; FARRIGTON; RENN; HOFWEGEN, 2020); Sally McConnell-Ginet, que, conjuntamente com Penelope Eckert, desenvolveu as bases para as pesquisas de terceira onda (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992); e Bert Cappelle, um dos expoentes na articulação entre variação e Gramática de Construções (CAPPELLE, 2006). E, no terreno de ensino de Português, há, ainda, um artigo historiográfico sobre Português Língua Estrangeira (PLE) de uma convidada que participou do I Fórum Internacional em Sociolinguística (I FIS) em 2019 e é uma das organizadoras de *“Travessias em língua portuguesa: pesquisa linguística, ensino e tradução”* (CASTAGNA; QUAREZEMIN, 2020), Vanessa Ribeiro Castagna.

E, com esses objetivos, brindamos, na forma deste presente-homenagem, aos 35 anos do GT de Sociolinguística, tecendo relações entre dois percursos textuais

configurados aqui (e, também, a partir daqui): (i) reflexões e cenários propostos pelos artigos de pesquisadores com contribuição inestimável às áreas de pesquisa, docência e extensão em Letras e Linguística; e (ii) reflexões e cenários mapeados ou prospectados pela coordenação do GT no triênio 2018-2021.

Reflexões e cenários a partir dos textos aqui reunidos

O primeiro artigo, “Sociolinguística e Dialectologia – trinta e cinco anos da história de um GT da ANPOLL”, desenlaça, neste presente-homenagem, o profícuo terreno de ação e interação do GT de Sociolinguística consoante a perspectiva de duas pesquisadoras reconhecidas nas áreas de Sociolinguística e Geolinguística/Dialectologia: Jacyra Andrade Mota (UFBA) e Vanderci Andrade Aguilera (UEL). Nesse artigo, as autoras mapeiam um panorama das contribuições de sociolinguistas em diferentes gestões e espaços acadêmico-científicos principalmente quanto às investigações dialetais, assim como a consolidação e a repercussão dessas contribuições. A abertura deste volume sob o olhar dessas pesquisadoras tem também a função de dar proeminência à reverberação do precioso enlace entre Geolinguística/Dialectologia e Sociolinguística em nossos rumos.

O segundo artigo, “Da Geolinguística à Sociolinguística Variacionista: um panorama da variação fonológica”, foi escrito por dois pesquisadores que contribuíram na gestão do GT e contribuem nacional e internacionalmente para o fortalecimento de nossa área: Dermeval da Hora (UFPA) e Silvia Figueiredo Brandão (UFRJ). Os autores apresentam um panorama do comportamento de três variáveis (vogais médias pretônicas, fricativas coronais silábica /s, z/ e as oclusivas dentais/alveolares /t, d/) em algumas regiões do Brasil, a partir das duas grandes áreas de atuação do GT de Sociolinguística, a Geolinguística e a Sociolinguística. Eles destacam a intercomplementaridade dessas duas áreas para o conhecimento da realidade geo/sociolinguística do Português do Brasil. Além disso, mencionam o papel precursor de Anthony Naro, que, nos anos 1970, introduziu, no Brasil, a pesquisa variacionista laboviana, bem como o papel visionário de grandes fonólogas como Leda Bisol e Myriam Barbosa da Silva. Destacam, entre outros aspectos, a importância dos atlas linguísticos tanto na constituição e consolidação da pesquisa geolinguística brasileira, quanto na potencialização de estudos sócio-histórico-culturais atentos a outras dimensões a partir de mapeamentos geolinguísticos.

O terceiro artigo, intitulado “Temas morfossintáticos em análises variacionistas no Brasil (2000-2019)” e escrito pelas pesquisadoras Jania Martins Ramos (UFMG) e Maria Eugenia Lammoglia Duarte (UFRJ), traça um panorama dos estudos/temas morfossintáticos no âmbito do GT de Sociolinguística, no período de 2000 a 2019. As pesquisadoras, que também muito têm colaborado para o desenvolvimento de pesquisas morfossintáticas, fornecem uma sistematização dessas pesquisas, a partir de quatro grupos de perfis de investigação. As autoras apresentam tendências observadas em relação aos fenômenos morfossintáticos e propõem algumas reflexões. E, então, destacam diferentes espaços potenciais de inovações, além do fato de já contarmos com um conjunto substancial de trabalhos que abarcam uma variedade de temas com base em *corpora* sincrônicos e diacrônicos e com base em evidências advindas de testes na linha do que vem sendo intitulado de terceira onda da Sociolinguística.

O quarto artigo é a valiosa contribuição de pesquisadores de instituições americanas ao diálogo e ao mapeamento proeminentes no eixo de variação e mudança linguísticas, bem como no de contato, variação e identidade. Walt Wolfram (North Carolina State University) e Marie Bissell (The Ohio State University), autores do artigo “Stability and Change in Native American Indian English: The Case of Lumbee English in North Carolina”, abordam um tema de grande atualidade para os estudos sociolinguísticos, a acomodação linguística e a questão da identidade linguística. Descrevem que os índios Lumbee da Carolina do Norte, grupo de índios Americanos Nativos a leste do Rio Mississippi, perderam sua língua ancestral gerações atrás e viveram em um contexto rural relativamente estável, triétnico e isolado por várias gerações com Afro-americanos e Europeus Americanos. A partir da análise de dois fenômenos morfossintáticos e um processo fonético, os autores chegam à conclusão de que as estruturas morfossintáticas indicam traços de uma variedade remanescente regionalizada que diferenciam o Lumbee de suas variedades de grupo. O traço fonético, no entanto, mostra mudanças ao longo das gerações recentes à medida que o Lumbee passa de um alinhamento com Afro-Americanos para um com os Europeus Americanos. Para discussão e explicação da relação entre estabilidade e mudança linguísticas, os pesquisadores explicam o realinhamento do traço fonético para longe da Língua Afro-Americana em termos de uma identidade de oposição, na qual o Lumbee mantém sua distinção como um grupo etnolinguístico que não é Afro-Americano nem Europeu-

Americano, mas especialmente não é Afro-Americano. Evidenciam, então, uma dissociação da norma da comunidade indígena Lumbee da norma Afro-Americana em termos sutis, mas socialmente significativos. A variedade do inglês da comunidade Lumbee tem mantido traços distintivos na negociação de seu estatuto com as variedades Européia-Americana e Afro-Americana com as quais têm coexistido ao longo de vários séculos.

Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF) e Karen Pupp Spinassé (UFRGS), autoras do artigo “Estudos de contato no GT de Sociolinguística”, têm trabalhado em prol do reconhecimento e da salvaguarda da diversidade de línguas em território brasileiro e, assim, têm mobilizado uma série de discussões, ações e estudos na área do multi/plurilinguismo, do contato linguístico e de implicações deste na configuração identitária quer no plano de indivíduos quer no plano de ambientes comunitários, de línguas em situação minoritária e/ou de ameaça e de documentação dessas línguas. Nesse artigo, expõem, na forma de um panorama das frutíferas contribuições às exigências da área, os pontos basilares que mobilizam pesquisas e interlocuções, bem como o histórico de momentos e temas desse âmbito. Para tanto, exploram desdobramentos alcançados em programas de pós-graduação de universidades brasileiras que reúnem pesquisas nesse sentido.

Outra contribuição ímpar é a do artigo dos pesquisadores Rajend Mesthrie (University of Cape Town, South Africa) e Heather Brookes (University of Cape Town, South Africa): “Language practices and language change among transnational migrants to South Africa), 1990-2020 – a survey”. Os autores destacam 1990 por ser o ano do anúncio oficial de renúncia do *apartheid*. O artigo fornece uma visão geral das principais preocupações e ênfases dos pesquisadores ao cobrirem novas migrações da Ásia e do resto da África para a África do Sul, a partir da intensificação dos fluxos globais de outras partes do mundo para a África do Sul, principalmente com o desmantelamento legal do *apartheid* em 1994 e com o incentivo do governo desse país a movimentos migratórios de muitas partes do mundo para aí. E a caracterização de realidades socioculturais e linguísticas no continente africano soma informações ao escopo dos que se interessam por estudar variedades linguísticas na África.

As pesquisadoras Stella Maris Bortoni de F. Ricardo (UNB), Joyce Elaine de Almeida Baronas (UEL) e Silvia Rodrigues Vieira (UFRJ) convidam, no sétimo artigo

deste volume, “GT de Sociolinguística e Ensino: o cenário de 35 anos de conquistas e desafios”, os leitores a refletirem sobre a *Sociolinguística Educacional* e seu papel gerador de estratégias para uma *Pedagogia da Variação Linguística*. Com base na relação entre variação linguística e ensino, as autoras evidenciam um cenário de conquistas e desafios a partir das contribuições de diferentes membros do GT. Para tanto, na primeira parte do texto, é evidenciada breve revisão sobre as ações desenvolvidas pelos membros no que se refere à área de ensino de Língua Portuguesa, línguas estrangeiras e demais disciplinas relacionadas. Em relação às conquistas, é destacada a contribuição de Stella Maris Bortoni-Ricardo na delimitação da área *Sociolinguística Educacional* e o papel de Carlos Alberto Faraco no desenvolvimento da *Pedagogia da Variação Linguística*. Como desafios para o Eixo *Sociolinguística e ensino*, as autoras apresentam a proposta de Silvia Rodrigues Vieira a partir de três frentes de trabalho. Na leitura do texto, o leitor é levado a compreender as diferentes realidades linguísticas e as contribuições dos estudos produzidos pelo GT, bem como o compromisso social(linguístico) assinalado pelas autoras. E, por fim, elas ressaltam que uma estabilidade no trabalho desse eixo é, sem dúvida, o compromisso social que faz com que o GT de Sociolinguística, desde os primeiros passos de sua formação, dê atenção à articulação ensino-pesquisa-extensão, tripé fundamental à vocação acadêmica e universitária.

Vanessa Ribeiro Castagna (Università Ca’Foscari-Venezia, Delegata del Dipartimento per l’Internazionalizzazione), no artigo “Ensinar e aprender Português na Itália”, relata-nos sobre o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE). Numa realidade global de interesse crescente na língua portuguesa (particularmente no nível de ensino superior), destaca: características e desafios desse ensino no contexto italiano que ela observa, algumas consequências desse interesse no mercado editorial, bem como questões relativas a uma oportunidade de convergências entre políticas promovidas por Portugal e pelo Brasil no intuito de considerar a projeção internacional do Português. É interessante a percepção crítica de uma pesquisadora portuguesa – que trabalha com a relação entre língua e tradução e comparação entre língua portuguesa e língua brasileira na Itália – sobre a ênfase que há no Português de Portugal, subordinado ao estudo da literatura, durante décadas, e com privilégio a uma abordagem gramatical que não fomentava/fomenta a ótica de estudo de características do português europeu e do português brasileiro nem se ancorava/ancora no “princípio da unidade da diversidade e

da diversidade na unidade”. A autora também nos relata sobre a abertura, a partir de certas políticas voltadas para as línguas, para uma crescente consciência sociolinguística, que tem mobilizado o reconhecimento e o encontro respeitoso entre normas no contexto italiano de ensino de PLE. Esse texto acentua o espaço também fora do Brasil que o acervo de descrições sociolinguísticas de variedades do Português, e especialmente da variedade brasileira, desenvolvidas pelo GT tem ainda a ocupar.

No artigo “Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e o Funcionalismo Linguísticos e o ensino de língua portuguesa”, Edair Maria Görski (UFSC) e Marco Antonio Rocha Martins (UFSC) discutem o potencial analítico da articulação entre a Teoria da Variação e Mudança linguística e a Gramática Gerativa, num primeiro momento, e da articulação entre a Teoria da Variação e Mudança linguística e o Funcionalismo, num segundo momento, em que exploram as conquistas e os desafios advindos dessas duas articulações teórico-metodológicas. Além de apresentarem as potencialidades e as conquistas, a partir de exemplos de estudos empreendidos por essas duas frentes de pesquisas/trabalho, os autores procuram mostrar as contribuições desse quadro teórico em interface para o ensino de português.

As autoras Maria da Conceição Paiva (UFRJ) e Jussara Abraçado (UFF) retomam objetivos, metas e contribuições relativos ao eixo “Questões Teóricas e Metodológicas” no artigo intitulado “Questões teóricas e metodológicas: as contribuições do eixo 4” para o estudo da variação e mudança linguística, em que pesa a interface entre a Sociolinguística Variacionista e outros modelos teóricos. Tais modelos partem do pressuposto de indissociabilidade entre sistema e uso linguístico. Com base em questões de pesquisas desenvolvidas nesse eixo, discutem a forma como a variação sociolinguística, entendida em termos de alternância entre formas, pode ser ou tem sido analisada na perspectiva de diferentes modelos teóricos, e especialmente como tem sido acomodada no corpo teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Focalizam a interface com os Modelos Baseados no Uso, e mais particularmente, a possibilidade de conjugação entre os pressupostos teóricos centrais da Sociolinguística Variacionista e da Gramática de Construções Cognitiva. Destacam o princípio de que qualquer diálogo entre a Sociolinguística e outras teorias implica a incorporação do componente social da linguagem em um modelo de gramática.

William L. Leap (Florida Atlantic University, American University), no artigo “Queer refusal”, discute questões relativas a atos de recusa *queer*, linguística *queer*, raciolinguística e translanguaging/translinguagem, além de perspectivar o objeto linguístico em conexão a concepções/visões da área da antropologia, numa linha interdisciplinar que é cara ao eixo 4. William L. Leap já fez parte de um grupo de pesquisa que estudou Português em contexto de migrações cíclicas entre Europa (terra natal) e Estados Unidos e Grã Bretanha e de desenvolvimento de habilidades de uso da língua inglesa em espaços formais de ensino de Inglês como segunda língua. O autor enfatiza que estudos de recusa *queer*, como estudos de língua “de baixo”, mostram como os usuários da língua reúnem práticas linguísticas e sociais, que lhes permitem sair da ideologia opressora e reivindicar posturas alternativas, enquanto insistem em dizer que não se importam com as expectativas impostas por estruturas reguladoras. E a expressão de recusa *queer* é indicada, em texto, por marcador subjetivo de negação, associação metafórica, certas formulações sintáticas (“Eu não me importo”, “Bom pra você!”; outras vezes nem há marcação textual explícita, mas certas modulações na expressão linguística ou simplesmente silêncio). Por fim, ele passa a questionar o lugar de atos de recusa *queer*: se esta é um privilégio, limitado a quem se sente suficientemente seguro para arcar com as consequências de mostrar indiferença a espaços linguísticos reguladores, opressores. É, portanto, um texto que traz à tona um conjunto de possibilidades linguísticas relacionadas à relativa indiferença ou recusa à opressão linguística.

E, em certa medida, a ação de recusa de uma ótica linguística opressora, a preocupação com grupos vulneráveis e a defesa de uma pesquisa-ação a contribuir com uma cidadania autônoma são também perspectivadas no primeiro ensaio deste número. No ensaio “Reinventando o imaginário e as representações sociais: em favor de uma sociolinguística da esperança”, Sebastião Josué Votre, um dos fundadores e dos ex-coordenadores do GT de Sociolinguística, provoca e convoca sociolinguistas a se mobilizarem em prol da incorporação de uma Sociolinguística da Esperança Social. O pesquisador começou a desenvolver essa ideia em sua conferência “O imaginário social e as representações sociais: o peso de socio na Sociolinguística” no Encontro Nacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL no XXXV Encontro da ANPOLL. No texto, o autor delinea uma agenda para a Sociolinguística no âmbito da esperança social em que pesem inquietações relativas a: modos de as pessoas se moverem dentro de imaginários,

representações e percepções sociais contingentes; possibilidades de movimentos de resistência, resiliência e esperança social; interação em prol da cidadania reclamada e conquista desta; exame e configuração de metas do GT de Sociolinguística no que diz respeito a discursos e ações; construção de uma agenda de trabalho pró-sociolinguística da esperança social com previsão de estratégias nesse sentido; parcerias multi, inter e transdisciplinares com correntes linguísticas socialmente comprometidas; políticas públicas ligadas a demandas da educação linguística para a esperança social.

Sally McConnell-Ginet (Cornell University), no ensaio “Studying language in social life: A personal narrative”, delineia, inspirada pelas questões propostas por Marcia dos Santos Machado Vieira e Marcos Luiz Wiedemer, sua percepção da diversidade linguística. E o faz começando por sua experiência com “tradução” já na infância, ao, por exemplo, mediar a interação entre os primos da cidade de Nova York e seus companheiros de brincadeira da zona rural da Carolina do Norte, os quais, embora considerassem não se entender linguisticamente, eram ambos compreendidos por ela. E, então, faz referência à suposição, em seu contexto familiar, de língua *standard* acessível a todos como ligada a formas de progresso social, ao seu ingresso na área de Linguística via estudo de lógica matemática e filosofia da linguagem, suas experiências no campo do ensino e no campo da investigação, por exemplo, da indeterminação semântica (compreendida hoje por ela como sociossemântica), da relação entre língua/linguagem e gênero. Para o estudo desse tema, ela contou com a colaboração de Penelope Eckert: a articulação da formação em teoria semântica e pragmática de Sally McConnell-Ginet e da formação de Penelope Eckert em investigação sistemática de variação linguística, tanto no que diz respeito a variáveis fonológicas quanto ao nível de variedades linguísticas em competição em comunidades. Foram responsáveis por introduzir o conceito/construto de “comunidades de prática” no discurso sociolinguístico.

Em “Constructional variation: unveiling aspects of linguistic knowledge; interview with Bert Cappelle”, Bert Cappelle (Université de Lille) responde a dez questões formuladas por pesquisadores (Pâmela Travassos, Nahendi Mota, Mariana Costa, Letícia Nunes, Gabriel Martins e Marcia Machado Vieira) do Projeto Predicar, coordenado por Marcia dos Santos Machado Vieira, bem como nos indica referências bibliográficas para o tratamento de um tema, variação construcional, que, em alguns espaços nacionais e até internacionais, só muito recentemente vem ganhando território.

A temática encontrava olhares descrentes ou resistentes, que mais recentemente se mostram, cada dia, mais acolhedores. É, portanto, num contexto de relativo dissenso que a temática da variação construcional se mostra ainda mais oportuna e atual. E ela é tratada na entrevista de maneira muito cuidadosa e com riqueza de detalhes em termos de questões, conceitos e leituras a considerar. Bert Cappelle brinda-nos, então, com uma entrevista sobre variação no âmbito da Gramática de Construções, em que desvenda variados aspectos que o tratamento de variação linguística implica, incluindo, nesse tratamento segundo uma modelagem de língua concebida como uma rede complexa de relações e construções interconectadas, a representação de variantes via o constructo teórico *aloconstruções*, de que o linguista trata pelo menos desde Cappelle (2006).

Essa entrevista é particularmente cara aos organizadores deste número especial, tendo em vista (i) o trabalho que estes têm desenvolvido nacionalmente quanto à necessidade de perspectivação de variação/alternância no âmbito de generalizações alcançadas via referencial de Gramática de Construções e da Linguística Funcional-Cognitiva, bem como (ii) a oportunidade de interlocução online com o autor a respeito desse trabalho por ocasião do simpósio “Variação linguística: representações construcionais, (inter)ações discursivas e ensino” durante o “I Congresso Internacional Vozes e escritas nos diferentes espaços da língua portuguesa” (Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ). Renova, por um lado, esforços empreendidos pelos organizadores deste número no sentido de uma perspectiva socioconstrucionista (cf., por exemplo, MACHADO VIEIRA; WIEDEMER (2019; 2020), bem como WIEDEMER; MACHADO VIEIRA (2021)) como uma das frentes na linha de interfaces que cabem no eixo 4 do GT de Sociolinguística. E a têm proposto até em razão de sua experiência anterior de trabalho na interface sociofuncionalista, bem como sua expertise quanto à articulação entre variação construcional e mudança construcional ou construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). As duas primeiras referências dizem respeito a duas obras produzidas no âmbito do GT de Sociolinguística (a partir de narrativas de pesquisas discutidas em encontros desse grupo), que também são citadas em alguns dos artigos aqui reunidos. E a terceira é resultado de um trabalho coletivo envolvendo os dois docentes organizadores deste número e outros pesquisadores que já trilham o caminho teórico-metodológico de lidar com variação construcional numa ótica socioconstrucionista, por impacto da interlocução com esses docentes. Ao virem

contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas numa linha socioconstrucionista, Marcia dos Santos Machado Vieira e Marcos Luiz Wiedemer têm trabalhado no sentido de uma visão construcionista não-homogeneizante de língua e de um perfilamento diassistêmico desta (em razão do complexo de processos de convencionalização social e configuração discursiva identitária) e do conhecimento/entrincheiramento cognitivo de padrões de língua(s) (já que nem sempre este se restringe ao de uma língua, ainda mais na era das Humanidades digitais).

Reflexões e cenários a partir da ótica da Coordenação do GT no triênio 2018-2021

Este número especial congrega, a um só tempo, panoramas promissores de atuação do GT de Sociolinguística traçados a partir da lente de quem contribuiu e contribui fortemente para o fortalecimento da área no país e olhares estrangeiros sobre questões na área a que dão atenção frutíferas interlocuções perspectivadas para além do Brasil. Tais contribuições envolvem temáticas como: diversidade linguística e representações (geo-) sociolinguísticas dessa diversidade, variações fonético-fonológicas e morfossintáticas, estabilidade e variação sob a perspectivação de identidades e coletivos, contatos linguísticos e multilinguismo no Brasil, pedagogia da variação no ensino de Português, interfaces com a Geolinguística, Gerativismo, Funcionalismo e Gramática de Construções, experiências de vulnerabilidade, configuração identitária e luta contra espaços opressores a partir de atos de recusa *queer*, “Sociolinguística da Esperança”, efeitos da experiencição da variabilidade linguística no perfil de um percurso acadêmico-científico/de pesquisador, variação construcional. O cenário sociolinguístico brasileiro atual é, felizmente, o de inúmeras pesquisas concebidas, desenvolvidas, orientadas ou inspiradas pelos membros do Grupo de Trabalho de Sociolinguística atuantes em diversas instituições do país. Contamos com um conjunto riquíssimo de inventários de dados, investigações, informações e obras em todos os eixos centrais à atual configuração do trabalho do grupo. E tal acervo, além de estruturado segundo uma configuração que se alinha a práticas no sentido do que alguns associam às de estudos de primeira, segunda e terceira ondas sociolinguísticas (ECKERT, 2012; 2018), tem servido de referencial a práticas e interações multidisciplinares com contorno de Sociolinguística

Aplicada em diferentes espaços sociais, entre os quais: o educacional (em que tem destaque o Programa Nacional de Mestrado em Letras, PROFLETRAS, por exemplo), o de memória social (haja vista, por exemplo, o acervo sobre a diversidade linguística no Brasil do Museu da Língua Portuguesa), o de comunicação na mídia (por meio de assessoria e/ou de interlocução nesse âmbito), o de documentação da realidade multidialetal no Brasil (por exemplo, via Atlas Linguístico do Brasil, ALiB), o do espaço forense (haja vista contribuição relativa ao campo da perícia de comparação de locutor). Isso, só para citar algumas áreas em que nosso trabalho tem repercussão!

Nesses 35 anos, consolidou-se, sem dúvida, um grupo sempre atento a debates e inovações mobilizados pela sociedade e pelas tecnologias sociais que esta requer e produz, tratados em referências bibliográficas nacionais e internacionais ou travados a partir do imperativo das observações que alcançamos em termos de análise de dados, de meta-análises e/ou do exame de registros obtidos via pesquisa experimental ou testes de produção, percepção, atitudes e crenças. Uma medida do escopo de nossa atenção à realidade que nos envolve e nos afeta está expressa neste número, que congrega textos produzidos por pesquisadores de três continentes diferentes (África, Américas e Europa), além de sua configuração (como número especial) no periódico da ANPOLL e de seu perfil de presente-homenagem ao trabalho responsável e potente de um grupo das áreas de Letras e Linguística.

Os avanços em tecnologias de informação e comunicação – relativas, por exemplo, à ciência da computação, à ciência da comunicação (especialmente, das comunicações via mídias eletrônicas) e à ciência das humanidades digitais (*e-science*) – têm promovido uma verdadeira revolução em domínios da relação entre linguagem/língua e sociedade. E, assim, pesquisa, modelagem (sócio)linguística, descrição e reutilização de dados linguísticos, representação de conhecimento, que emerge da experiência desses dados e associação entre fatos potencializada pelo acesso à complexa rede de conhecimentos e meta-análises, tornam-se, cada dia, mais sofisticadas em termos de volume de informações acumuladas, de ferramental para análise (observacional e experimental) ou acesso, de políticas e protocolos de encaminhamento teórico-metodológico, em que pesem critérios de análise e condições de verificabilidade e replicabilidade, e de formas de propagar o que a pesquisa permite reunir ou descobrir e de interagir com a sociedade. Então, experimenta-se um contínuo e diversificado refazer-

se no campo sociolinguístico, que nos mobiliza a novos rumos em termos de preocupação, logística, infraestrutura e prática colaborativa de trabalho.

As preocupações traduzem-se em inúmeras questões, entre as quais: questões relativas a acervos de memória de registros linguísticos de indivíduos e de coletivos, sua configuração (inter)operável e reutilizável por multiusuários, seu armazenamento e sua disponibilização à sociedade; questões que se articulam a temáticas com proeminência noutras áreas do saber (patrimonialização e direitos autorais de acervos de memória, representatividade estatística de amostras de dados de variedades de uma língua, desenvolvimento de aplicativos para ludificação/gamificação na comunicação/divulgação de evidências oriundas de pesquisa sociolinguística, por exemplo), questões éticas relativas à interação e à documentação de comunidades linguísticas em que se resguardem os participantes de pesquisa e a responsabilidade profissional e científica dos pesquisadores, bem como se respeitem o direito, o bem-estar e a dignidade das pessoas. A logística passa, então, a configurar-se com base num ambiente inter, multi ou transdisciplinar e num perfil multimetodológico. Precisamos desenvolver (i) uma visão estratégica da articulação tanto dos saberes e fazeres quanto dos produtos resultantes destes e interesses da sociedade, (ii) uma infraestrutura complexa, que implica formação continuada e treinamento de recursos humanos, e (iii) redes de colaboração, diálogo e apoio entre sujeitos, para além, especialmente, dos que se constituem no espaço acadêmico-científico. Esta exigência leva a um percurso de informação, intercomunicação, escuta das demandas sociais, (re)configuração do processo de pesquisa e retorno dos resultados desse processo à sociedade, retroalimentado pela interação com esta, por idas e vindas.

E esse percurso de preocupação com as demandas da área e as da sociedade já prospera no GT de Sociolinguística; agora em 2021, inclusive, sob a forma de um projeto coletivo que hoje em dia se desenha a várias mãos com o acrônimo/título: *SocInTec Brasil – Sociolinguística em (inter)ação: tecnologias sociais para o desenvolvimento da sustentabilidade no Brasil*. Ideias que propulsionam esse projeto são gestadas por ocasião do diálogo no GT promovido pela mesa-redonda “GT de Sociolinguística da ANPOLL, 35 anos depois: ações e perspectivas de trabalho conjunto/entre pares e de interação com a sociedade”, justamente quando o GT completou 35 anos de atuação. Essa mesa-redonda foi proposta pela coordenação, Marcia dos Santos Machado Vieira e Marcos Luiz

Wiedemer, no Encontro Nacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL no XXXV Encontro da ANPOLL. E dela participaram, com proposições, os pesquisadores Raquel Meister Ko. Freitag, Mônica Maria Guimarães Savedra e Dermeval da Hora Oliveira, além dos coordenadores já citados. O projeto coletivo que ora desenvolvemos dá a exata medida do perfil importante da relação entre Língua e Sociedade que norteia um coletivo com vozes e escritos diversificados, mas em sintonia no GT, e atentos à realidade em que se inserem e em que seguem resistindo, (re)existindo/ressignificando-se e, claro, celebrando a vitalidade e as potencialidades do (pluri)diálogo (entre semelhantes ou diferentes) nesses já 35 anos.

Referências

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. GT de Sociolinguística. **Revista da Anpoll**, v. 1, p. 95-102, 1985.

CASTAGNA, Vanessa Ribeiro; QUAREZEMIN, Sandra (Orgs.) **Travessias em língua portuguesa**: pesquisa linguística, ensino e tradução. Veneza: Edizioni Ca' Foscari, 2020.

CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for “allostructions”. **Constructions**, Special Volume 1, p. 1–28, 2006.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.

ECKERT, Penelope. **Meaning and linguistic variation: The Third Wave** in sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. **Annual Review of Anthropology** 21, p. 461-90, 1992.

KOHN, Mary, WOLFRAM, Walt; FARRINGTON, Charlie; RENN, Jennifer; HOFWEGEN, Janneke Van. **African American Language: Language Development from Infancy to Adulthood**. Cambridge University Press, 2020.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. *In*: MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. Blucher, 2019, p. 85-120.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. *In*: BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil**: textos selecionados. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MESTHRIE, Rajend; SWANN, Joan; DEUMERT, Ana; LEAP, William L. **Introducing Sociolinguistics**. 2.ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

RAMOS, Jania Martins. (Org.) **Estudos Sociolinguísticos**: os quatro vértices do GT da ANPOLL. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Estudos e pesquisas em Sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 29, p. 219-234, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth Cross; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VANDRESEN, Paulino. A trajetória do GT de Sociolinguística da ANPOLL – 1985-2001. *In*.: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português Brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 13-29.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação na Gramática de Construções do português: estudos empíricos. **Revista Uniabeu**, v. 12, n. 1, p. 1-12, 2021.

Marcia dos Santos Machado Vieira
E-mail: marcia@letras.ufrj.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2320-5055>

Marcos Luiz Wiedemer
E-mail: mlwiedemer@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>
